



História, Ciências, Saúde - Manguinhos  
ISSN: 0104-5970  
hscience@coc.fiocruz.br  
Fundação Oswaldo Cruz  
Brasil

Teixeira Weber, Beatriz  
Mito e ciência – construções e reconstruções  
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 14, n.º 2, abril-junho, 2007, pp. 625-628  
Fundação Oswaldo Cruz  
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138013015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

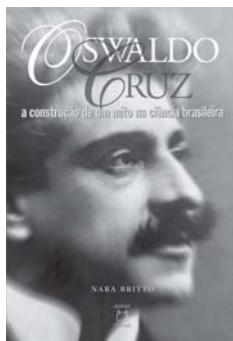
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Mito e ciência – construções e reconstruções

*Myth and science – constructions and reconstructions*

**Beatriz Teixeira Weber**

Professora do Departamento de História  
Universidade Federal de Santa Maria  
Rua Tuiuti, 2434/301  
97060-420 – Santa Maria – RS – Brasil  
[beatrix@smail.ufsm.br](mailto:beatrix@smail.ufsm.br)



Britto, Nara.  
*Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira.*  
Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 111p.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, foram apresentadas muitas dissertações de mestrado sobre uma área pouco explorada até então, a saúde pública ou saúde coletiva, nos termos apontados por Maria Alice R. de Carvalho e Nísia Verônica T. Lima (1992). Além dos fatores teóricos que fizeram emergir esses temas, o estudo deles também resultou do crescimento dos programas de pós-graduação em áreas diversas das ciências sociais. Não obstante, tiveram ainda um foco significativo na Escola Nacional de Saúde Pública, assim como em outros espaços importantes de produção acadêmica, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense e o Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Muitos desses trabalhos permaneceram desconhecidos do grande público, circulando apenas informalmente entre os interessados nas questões que começavam a entrar em debate.<sup>1</sup> A dissertação de Nara Britto é um deles. Publicada inicialmente em 1995 e reimpressa em 2006, supre importante lacuna de reflexão sobre um tema expressivo da história do Brasil e definidor de seus rumos, e colocá-lo ao alcance das gerações que neste século refletem sobre a mesma temática é mérito da Editora Oswaldo Cruz.

Nara Britto examina historicamente a construção do mito Oswaldo Cruz. Analisa a literatura produzida após a morte do cientista, em 1917, por seu círculo médico próximo, um conjunto de testemunhos que cristalizaram determinadas imagens associadas à figura do sanitário. Oswaldo Cruz foi convertido em mito, ‘retratado’ como herói da nacionalidade brasileira e a ele foram atribuídas qualidades sagradas. Sua glorificação como apóstolo da ciência fez parte de um processo iniciado com a sua morte e difundido a partir de 1918, pela Liga Pró-Saneamento do Brasil. Os médicos e higienistas que integraram esse movimento ajudaram a disseminar na sociedade brasileira um discurso “cujo atributo principal é o de conferir legitimidade às suas ações e interesses científico-políticos” (p.8).

O estudo de Britto esclarece a constituição, no Brasil, de uma visão sobre a ciência baseada na figura de Oswaldo Cruz como mito fundador

<sup>1</sup> Destaco um dos estudos definidores dessa área e que ainda não foi publicado, a dissertação de mestrado de Flávio Coelho Edler (1992).

do projeto de saúde pública implantado mais tarde no país. A abordagem nos ajuda a entender como se instalaram os projetos de saneamento urbano e rural no país. Põe em evidência a disputa por um espaço simbólico de poder, relativo à conquista de legitimidade científica e autoridade para a classe médica nas primeiras décadas do século XX. As relações entre médicos eram marcadas por conflitos que inviabilizavam sua organização corporativa e política. A construção do mito do sanitarista foi, então, estratégica para a legitimação de uma prática médico-científica identificada com o laboratório, socialmente representada pelo Instituto Oswaldo Cruz, prática sobre a qual, entretanto, ainda divergiam correntes ligadas à clínica, higiene e medicina experimental.

O grau de conflito entre os médicos inviabilizava a organização de qualquer movimento com pretensões políticas, carente de apoio para se concretizar. A unificação de setores da categoria médica em torno da idéia de saneamento rural e do combate às doenças endêmicas possibilitou o movimento sanitarista e a fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Esta alcançou credibilidade no âmbito da categoria e um elevado consenso acerca das principais bandeiras do movimento: combate às endemias rurais e centralização dos serviços de saúde.

Os participantes da Liga Pró-Saneamento do Brasil preocuparam-se em construir a história do movimento sanitarista, defendendo uma periodização que identificava o saneamento com a trajetória do Instituto Oswaldo Cruz. A tese, assumida pelos cientistas de Manguinhos, revelaria a ‘verdade’ dos fatos. As doenças endêmicas, sobretudo aquelas que se abatiam sobre a população rural, impediriam o desenvolvimento do Brasil se não fossem sanadas. A estratégia de intervenção política proposta pela Liga acabou por predominar, ainda que não fosse o único modelo de ação tendo em mira a organização da saúde no Brasil.

Destaco outros aspectos inovadores do livro de Nara Britto. Trata-se de um dos primeiros estudos a questionar a literatura produzida pouco tempo antes, representada inicialmente pelo trabalho de Roberto Machado, que caracterizava a medicina como poder disciplinar e os médicos, como formuladores de uma estratégia de medicalização destinada a preparar as populações urbanas para as novas relações sociais capitalistas.

Ao examinar as propostas de saneamento do Brasil do início do século passado, Nara Britto questiona a asserção de que a classe dos médicos atuava como corpo coeso. Demonstra que diversas concepções e referenciais disputavam espaço e hegemonia e que, estrategicamente, a proposta vinculada ao Instituto Oswaldo Cruz foi a que obteve maior sucesso. Insere também essas discussões em um contexto amplo, nacional e internacional, mostrando que a proposta vitoriosa estava articulada a uma ideologia (anterior) nacionalista. Outros estudos importantes sobre a época, como os de Luiz Antonio de Castro Santos (1985, 1987) e Gilberto Hochman (1998), fundamentam consistentemente os vínculos apontados na análise de Britto.

Debruçando-se sobre diversos trabalhos referentes a Oswaldo Cruz, Nara Britto destaca dois aspectos desse mito, o de saneador do Rio de

Janeiro e o de fundador da medicina experimental. Parte da elite nacional legitimou o discurso produzido pelos médicos, que tornava Oswaldo Cruz símbolo da ciência nacional.

O primeiro capítulo permite entender como o movimento sanitário se transformou em força social. No capítulo seguinte, a autora explica como a morte de Oswaldo Cruz serviu para a construção de uma figura-símbolo das propostas defendidas pela Liga Pró-Saneamento, propagadas em artigos de jornais e revistas, solenidades cívicas e atos públicos. Os discursos remetiam ao futuro, enfatizando a permanência de Oswaldo Cruz através da Liga e da defesa do higienismo. Enfatizava-se a ‘grande missão’ que era continuar a obra do mestre.

A análise das dissensões internas do Instituto tem lugar no capítulo 3, destacando-se as alternativas abertas pelo próprio Oswaldo Cruz para a continuidade da instituição e as divergências que suscitaram entre cientistas. Uma importante contenda foi o questionamento do alcance epidemiológico da doença descoberta por Carlos Chagas, que então disputava com Artur Neiva o cargo de diretor-geral de Saúde Pública, a ser indicado pelo candidato Rodrigues Alves, eleito para um segundo mandato como presidente da República em fins de 1918. Alves foi vítima da gripe espanhola e faleceu em janeiro de 1919, antes de tomar posse, lançando por terra a indicação do preferido Artur Neiva. Carlos Chagas foi então nomeado para a direção do novo Departamento Nacional de Saúde Pública, criado em 1920. Os envolvidos na contenda tentaram colocar em dúvida seu comportamento ético e sua probidade científica. Esta foi apenas uma das disputas que vieram à tona após a morte de Oswaldo Cruz. Com sua conduta administrativa personalista, o cientista prejudicou o florescimento de outras lideranças no Instituto.

No quarto capítulo de *Oswaldo Cruz*, Britto demonstra que a idealização do cientista funcionou como importante instrumento político de solidarização entre os médicos, ao promover a legitimação de suas propostas e o reconhecimento do Instituto: “firmar publicamente uma certa imagem de Oswaldo Cruz significava conquistar para o movimento o prestígio e a posição que Manguinhos ocupava na hierarquia de consagração cultural e científica” (p.73). O mito de origem do sanitarismo no Brasil ganhou vida própria e tornou-se um movimento mais amplo de glorificação dessa figura, presente no imaginário social até os dias atuais.

Um dos poucos autores da época a questionar os testemunhos sobre médicos foi Pedro Nava, apontando temas sobre os quais pesava um pesado silêncio. Observava que a omissão de informações propiciava, inclusive, versões caluniosas que deturpavam a vida dos personagens e prejudicavam a compreensão dos fatos. Segundo Nava (1984, citado em Britto, 2006, p.75), os “biógrafos com luvas de borracha” anulam o homem para criar o mito; com o propósito de estabelecer uma determinada visão da história sacraliza-se o indivíduo, que é então desprovido de seus conteúdos propriamente humanos.

Trabalhos de reconstituição da memória de indivíduos e instituições encontram no livro de Nara Britto excelente exemplo, que instiga os leitores a outras reflexões sobre a organização de grupos sociais

diversos e sobre a construção de outras versões da história que fundaram diretrizes para a nação. A obra interessa, portanto, não apenas aos historiadores da ciência, mas também àqueles que se dedicam a entender os diferentes pilares em que a memória se alicerça.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carvalho, Maria Alice R. de; Lima, Nísia Verônica T. 1992  
O argumento histórico nas análises de saúde coletiva. In: Fleury, Sonia (Org.). *Saúde coletiva? Questionando a onipotência do social*. Rio de Janeiro: Abrasco; Relume Dumará. p.117-142.
- Castro Santos, Luiz Antonio de 1987  
*Power, ideology and public health in Brazil (1889-1930)*. Tese (Doutorado) – Harvard University, Cambridge.
- Castro Santos, Luiz Antonio de 1985  
O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia da construção da nacionalidade. *Dados*, Rio de Janeiro, v.28, p.1903-2010.
- Edler, Flavio Coelho 1992  
*As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na Corte do Rio de Janeiro 1854-1884*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hochman, Gilberto 1998  
*A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs.
- Nava, Pedro 1984  
*Baú de ossos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

